

Estados é que poderá triunfar o respeito de todas as nacionalidades. Segundo os seus próprios teóricos, o Estado, não podendo reconhecer outros interesses além do seu, torna-se a negação mesma de qualquer justiça. As guerras entre governos perpetuam, pois, em lugar de a resolver, a questão das nacionalidades. Cada nacionalismo é exclusivo e só o internacionalismo os poderá conciliar todos.

Mas enquanto houver vencedores e vencidos, não de seguir-se umas às outras as tentativas de desforra e o militarismo por toda a parte há de continuar a ser considerado indispensável.

E, pois, necessária uma vitória que seja a vitória de todos, a vitória do direito universal contra todas as formas do privilégio e da opressão. E os trabalhadores só a podem alcançar deixando de ser os instrumentos cegos duma tirania qualquer.

Mas como?

O combate indispensável

A união faz a força, tem-se repetido incessantemente; e sem dúvida teremos que organizar de novo a solidariedade de todos os explorados e oprimidos. Mas esta organização, que no passado foi feita sobretudo de adesões passivas, deverá ser pelo contrário de vontades activas. Os factos acabam de nos provar que milhões de homens associados continuam a ser tam impotentes como os indivíduos insulados, quando a associação reconhece princípios equivocados ou contraditórios.

De que serve, com efeito, afirmarmos um antagonismo de classes, se nos proclamamos ao mesmo tempo solidários até à morte com a classe nacional inimiga, em todas as empresas sangrentas que ela tenta para fortalecer e estender o seu domínio e a sua exploração?

Que escopo maior e mais imediato pode a união dos proletários de todos os países alvejar, senão impedir que eles sejam forçados a matar-se uns aos outros aos milhões? Como não compreender que, antes de atingido esse resultado, é mais do que nulo o valor de qualquer outro? Que resta, na verdade, na espantosa crise que atravessamos, de todas as reformas e melhoramentos sindicais? E como não nos impressionar a timidez de que demos prova nas nossas reivindicações, em face dos sacrificios doidos consentidos por ordem e conta dos nossos amos mais odiosos?

Os Congressos internacionais operários sempre equivocaram ou protelaram qualquer decisão a tomar sobre a atitude em caso de guerra. Era, com esse simples facto, confessar a própria inexistência da Internacional. O socialismo não deve contentar-se com abomináveis hipocrisias como o cristianismo, que durante séculos proclamou a fraternidade e o amor, sendo ao mesmo tempo uma arma de escravização nas mãos dos privilegiados. Não é demais pedir a homens que se dizem irmãos o compromisso de não se trucidarem, sobretudo quando se contam aos milhões.

O supremo direito do homem

Para isso é preciso primeiro do que tudo afirmar o supremo direito do homem de dispor inteiramente da sua vida, em oposição a essa monstruosa pretensão do Estado de a empregar a seu talento, fazendo de nós ao mesmo tempo assassinos e vítimas. Ninguém deve ser constrangido a matar ou a fazer-se matar. Todo aquele regime que desconheça este princípio não pode pretender-se defensor da paz e fatalmente há de preparar de novo a guerra.

Mas se a guerra é produto do Estado, sendo tanto mais terrível quanto mais forte ele for, não nos devemos esquecer tampouco de que as suas causas são essencialmente económicas. «A causa das guerras modernas são sempre rivalidades em torno de mercados e do direito à exploração das nações atrasadas em indústria». As guerras são em suma uma condição de existência e de desenvolvimento do regime capitalista, que aliás se não destruirá de per si,

como pretendeu certa escola socialista, pelo próprio excesso do seu poder. Com efeito, sentimos perfeitamente que, depois da espantosa catástrofe que sofremos, sobretudo se a propaganda revolucionária continuar a ser nula nos países beligerantes ou não, o capitalismo continuará a reinar sem grande necessidade de se modificar, para operar ainda de modo a provocar uma nova carnificina.

Ora, não bastaria semelhante perspectiva para revoltar o proletariado internacional?

Qual deve ser a nossa acção

Iremos nós recomeçar, no ponto de vista económico, a pequena luta fatigante e illusória de ontem pelas mais enganosas melhorias? Em face dum mal enorme aplicaremos nós o menor dos remédios? e deixaremos triunfar mais uma vez no movimento operário a teoria do menor esforço? Após a batalha gigantesca, o desperdício inaudito de vidas e riquezas pela glória infame dos nossos amos, virão o pequeno cálculo e a timidez caracterizar de novo toda a acção dos explorados?

Notemos bem que, não atacando assim as causas mesmas dos morticínios periódicos que ensanguentam a humanidade, contribuiremos, com quase incrível cegueira, para o renascimento deles. Como não se compreende, em suma, que a paz exige o bem estar e a liberdade de todos e que a moderação nas reivindicações de justiça é um incitamento à iniquidade, uma verdadeira cumprida de com ela? Poderemos continuamente rejeitar a responsabilidade dos mais monstruosos crimes, quando, não só não fizemos tudo para os impedir, mas até tomámos larga parte neles?

Deve fazer-se ouvir a voz da razão, da rectidão e da independência, encaminhando-nos pela via revolucionária. Basta de obediência e túpida a esse ídolo hediondo: o Estado! Basta de privações, misérias e sacrificios pelo negócio e pela finança, indo dar necessariamente ao mais terrível dos flagelos: a guerra!

A situação de amanhã

Qual será a situação de amanhã?

As guerras de conquista, assim como as pretendidas guerras de libertação, sempre deixaram os povos numa miséria atroz. As modificações que a carta política do mundo poderá sofrer serão outros tantos motivos para novos conflitos, tanto mais que não há de ser sem dúvida alguma ditadas pelo espírito de justiça.

A crise actual ainda não viu a afirmação dum regime diverso do regime burguês, cujas forças concorrentes visam mais à exploração do que à criação e distribuição das riquezas e tem todas em vista um fim de escravização, nunca de emancipação.

As promessas de transformações democráticas, ainda que hajam de ser cumpridas — e é quase certo que o não serão — não podem iludir-nos. Os Estados vão achar-se todos em face de dívidas formidáveis e crescerá ainda mais a parte já excessiva do produto do nosso trabalho absorvida pelo imposto. A falta de impostos directos, veremos introduzirem-se novos monopólios de Estado, aumentando cada vez mais o poder formidável dos governantes de cada país e diminuindo na mesma proporção a liberdade dos governados. Não deixará de ser necessário o desafio nos armamentos para conservar, engrandecer ou constituir um império colonial; e ainda que se levasse a cabo o «exercício novo» do falecido Jaurès, apenas teríamos uma bem triste antecipação da educação militar da juventude e um aperfeiçoamento na formação e mobilização das forças de terra e mar. As declarações dos partidários da «nação armada» não podem deixar-nos a mínima dúvida a tal respeito.

A nossa acção futura

Seria quase pueril alargarmos mais para demonstrar que um regime não pode renovar-se a si mesmo indefinidamente e que as

forças de transformação social não podem achar-se dentro, mas fora dele. E' numa organização que rompa com o Estado, para não mais se lhe subordinar de modo algum, que a classe operária se vê forçada a buscar a sua salvação.

Por outro lado, sejam vencedores ou vencidos os capitalistas do nosso Estado nacional, prosperem ou pericitem os seus negócios, não devemos amanhã retomar simplesmente uma tarefa sindical que nos solidarize com os exploradores na boa e sobretudo na má fortuna. Que vem a ser uma acção que cessa precisamente no momento em que se agrava o mal contra o qual ela é destinada a lutar? E' assim no entanto que vemos sempre o sindicato declarar-se impotente, quando estala uma crise económica, fazendo a indústria que ele representa.

Não mais acção, logo que falta a procura de braços e grassa a desocupação; e uma actividade limitada a poucos melhoramentos dia a dia, sem nenhuma clara visão de futuro, quando progredem as especulações patronais. Como esperar assim poder um dia tomar a gerência da produção, realizar essa transformação económica que é a única capaz de garantir a paz?

Em face da grande tarefa

Tais são as questões angustiosas que a classe operária é chamada a resolver, e todos os que lhe ocultam o alcance ou preconizam soluções parciais, mais do que insuficientes são esteios e cúmplices do regime actual, não podendo livrar a sua responsabilidade das ruínas e assassinatos que elle executa.

Camaradas, trabalhadores.

A legalidade não tem saída tanto para as classes possuidoras como para as classes operárias.

A guerra não é, em resumo, senão a ruptura burguesa da legalidade estatutária, e é fatalmente feita por interesses contrários aos nossos.

Oponhamos-lhe a Revolução, a ruptura proletária internacional contra todas as leis de privilégio e opressão em nome da justiça, isto é, do interesse de todos.

No horrível momento da história dos povos que atravessamos, são necessárias grandes ideias, grandes decisões, grandes acções, é preciso que nos fortaleçamos, nos exaltemos e engrandecemos, não numa disciplina cega, numa submissão funesta, no esquecimento da nossa individualidade, dos nossos próprios sentimentos de humanidade, mas no amor da vida, de tudo o que a pode intensificar, embelezar e enobrecer, na necessidade de dignidade, de independência, de liberdade, na aspiração a uma vitória, uma alegria, uma felicidade, que sejam feitas da vitória, alegria e felicidade de todos, e acima de tudo na revolta de todo o nosso ser contra essa passividade universal em face dum crime colossal, que não tem nem pode ter razão nem desculpa.

Para terminar a grande guerra da burguesia e evitar para sempre o seu regresso, já não resta mais do que o recurso supremo da Revolução. Esta demanda, mais do que um desencadear de forças violentas que ensanguentem o mundo, uma invencível afirmação de consciência, de vontades, de inteligências, de corações, que não mais se submetam a nenhuma servidão mortífera, uma vasta obra de protesto, resistência e insurreição, que, cessada a carnificina, mostre a verdadeira, única e eterna glória na libertação, elevação e triunfo de todos, no expandir-se da solidariedade graças à qual em cada homem vive a humanidade inteira.

Viva a fraternidade dos povos!

Viva a Anarquia!

Genebra, Novembro de 1914,

Centro e Biblioteca de Estudos Sociais

Realisa-se no proximo sabado, 26 do corrente mez pelas 21 horas, uma assembleia geral neste Centro, sito á rua das Antas, 218, para nomear os seus corpos gerentes para o ano de 1915 e resolver outros assuntos,

RIDENDO

O belicoso Leote, ex-assanhado franquista, hoje enragé afonsista e moderno D. Quichote, quer que o «nosso» Portugal mande, por bem ou por mal, soldados p'rá guerra, a trote...

Houve alguém, na Lisboa amada, em conferencias que ele fez, que o refutou muita vez duma maneira atilada; Porem nada conseguiu, e o guerrista persistiu na propaganda encetada.

De forma que o cavaleiro duma bem triste figura, alardeando bravura, é da guerra um pioneiro... Mas—oh que dura lição—já gramou o *caçarrão* por ser muito linguareiro...

Amilco.

Coisas historicas

14-1911—Amudsen descobre o polo sul.

15-1896—Concluem-se os julgamentos nos conselhos de guerra, em Monjuich, pedindo o delegado do ministério público, para os anarquistas presos, a bagatela de 28 condenações á morte e 50 condenações a prisão perpétua...

16-1893—Em Havana (Ilha de Cuba) publica-se o primeiro numero de *O Alarce*, semanário anarquista.

17-1913—Por causa das más condições do trabalho, dá-se na mina Vulcan, de Colorado (E. U. A.) uma violenta explosão, morrendo 38 operários.

18-1889—Um jovem nihilista mata o chefe da policia de Moscou (Rússia), que era um verdadeiro verdugo.

19-1913—Na Alemanha, o anarquista F. Kehler é condenado a seis semanas de prisão, por fazer propaganda antimilitarista.

20-1911—Sal, em Santiago do Chile um quinzenário anarquista, com o título, *O Produtor*.

Os socialistas italianos e a guerra

Os governos burgueses procuram lançar sobre os respectivos inimigos a tremenda responsabilidade primeira do conflito. Tudo isso é artifício, é mentira. «São elles os responsáveis solidariamente e solidariamente deverão responder por elle perante a história... As responsabilidades primas e fundamentais da guerra remontam ao actual sistema capitalista, baseado sobre as rivalidades internas das classes, externas dos Estados... O Partido Socialista confirma altamente a existência duma antitesse profunda e insanável entre guerra e socialismo, pois que, prescindindo de outras razões formidáveis, a guerra representa a forma extrema, por ser forçada, da colaboração de classes.

(Do manifesto *Contra a guerra*, de 22 de Setembro).

Se, apesar da nossa tenaz opposição, a guerra vier, sofrê-la hamos como a manifestação duma força brutal que fomos incapazes de vencer, mas a despeito disso não desarmaremos jamais, jamais nos confundiremos com os nossos inimigos, pois só com essa condição será possível retomar amanhã a nossa guerra.

Considerai que a guerra é a forma traiçoeira de colaboração de classes e que nós, os socialistas, não a podemos patrocinar. Tanto mais que não temos elementos para julgar a situação. Que sabemos nós do trabalho secreto das diplomacias? Quem conduziria a guerra? Porventura nós? Jamais! A monarquia. Quem faria a paz? O proletariado, após a guerra, continuaria escravo. A guerra seria liquidada pelos diplomatas, fora do povo, que não será interpellado para fazer a guerra nem para fazer a paz.

Para execrar a guerra, para a condenar, bastaria pensar que ela representa uma enorme violação da liberdade e da autonomia humana. O indivíduo, com a sua personalidade física, intelectual, moral, desaparece, é suprimido; ainda que não tenha a queda para o assassinato há-de matar ou fazer-se matar para glória do Estado...

A guerra não suprime só os partidos; aniquila os indivíduos. O Estado apropria-se dos indivíduos, como requisita os quadrúpedes. O homem deixa de ser, de sentir, de pensar; quem existe, sente, pensa por elle é o Estado... O proletariado perde a sua autonomia de classe e o último resíduo de liberdade, e perde o direito de escolha... E' terrível mas é também inaudito que subversivos desejem esta abolição da individualidade e da liberdade, isto é, desejem que o homem volte a ser uma pobre coisa submetida ao arbtrio dum poder criminoso e absurdo.

Nem convém ter illusões sobre os resultados da guerra. Antes que as classes, assim amalgamadas e confundidas, retomem cada uma a sua feição específica, há-de se passar muito tempo. Poderemos ter revoltas, não uma revolução. Dizer que esta guerra marcará o fim do militarismo é idiota. A própria Inglaterra formará provavelmente um exército permanente. O proletariado das nações vencidas não poderá lutar com esperanças de triunfar contra uma burguesia debilitada e necessitada de sossego; nas nações vitoriosas, o proletariado terá na sua frente o Estado com aumento de força e de prestígio.

BENITO MUSSOLINI

(Avanti de 10 e 13 de Setembro).

O ANÃO VAI PARA A GUERRA

O gigante apelou enfim para a cooperação do anão, e o anão sente-se todo desvanecido com a honra insigne de ser arrastado no turbilhão guerreiro... A pedido da poderosa Inglaterra, em obediencia aos velhos tratados, o pequeno Portugal vai mandar os seus soldados para combater os alemães.

Invocam-se os velhos tratados. O que se não disse contra esses «unilaterais» tratados no tempo famoso da opposição republicana! A minha adolescência foi educada nessa pregação inflamada. Os poetas nacionais cantavam o ódio aos «piratas». A *Portuguesa*, hoje hino oficial, consagrada em 1891 pela revolta do Porto exprime um colérico protesto contra a humilhação dum ultimatum espoliador, que os tratados de aliança não tinham impedido:

Seja o eco duma afronta o sinal do ressurgir...

Hoje, o eco da referida afronta repercute-se todo em hosanas á velha Albão usurpadora; e o partido republicano, que deve o seu primeiro crescimento e o 31 de Janeiro á guerra feita á aliança inglesa, dedica-lhe neste momento a ode mais entusiástica.

Mais uma vez se verifica que o ponto de vista do governo não é o ponto de vista da opposição; e que, quando se pretende conquistar o poder, tudo se diz sem consequências nem compromissos...

O governo português, alegando a fidelidade aos tratados, celebrados sob o regime absoluto sem consulta nem sciência do povo (como, aliás, se faria hoje, em época de ficção parlamentar), andou a meter á cara da Inglaterra o apoio das suas tropas—ávido de consolidar o regime republicano e de garantir a independência nacional, apesar do respeito das pequenas nacionalidades solenemente afirmado pela Grã-Bretanha e por ela candidamente apresentado como razão justificativa da sua intervenção na actual contenda...

E' uma bem triste dependência para uma tal independência!

Depois, segundo parece, é também necessário fazer o sacrificio para conservar as «nossas» colónias, intangível dogma nacional, que os sacerdotes do patriotismo defendem com zelo ardente. E' preciso conservar as colónias para os capitais estrangeiros e para vazão da boa burocracia portuguesa, civil e militar.

Mas, é claro, quem faz o sacrificio é o sobretudo o pobre,

que costuma emigrar por miséria para o estrangeiro e que pouco entende daquelas altas conveniências políticas.

Para o animar no combate glorioso, falam-lhe ditirâmbicamente em defesa da Liberdade, da Civilização, do Progresso, — pois, segundo se deduz de todas as declarações enfáticas dos estadistas, é essa a primeira, a essencial, a única preocupação dos governos, de todos os governos ao mesmo tempo, de um lado e do outro, — que é o que torna a coisa mais extravagante e pitoresca. De parte a parte, «civiliza-se» com uma ansia verdadeiramente comovedora.

E', pois, pela Liberdade e mais partes que o anão se vai bater ao lado do gigante, talvez não muito convictamente, visto que o anão não tem, como o gigante aliado, o serviço militar voluntário.

Segundo se diz, os monárquicos contrariam esse cumprimento solicitado de tratados, que veem da monarquia absoluta e aos quais a monarquia constitucional se conservou fiel.

Com o seu passado e no terreno em que se encontram, bem mal colocados estão os rialistas para combater a participação de Portugal no conflito; e a sua opposição hipócrita não passa duma baixa especulação política, Quiseram a aliança inglesa, serviram-se dela como papão e amparo, foram abjectamente subservientes á aliada — e ousam falar agora! O que podem fazer rejubilar com a adesão dos republicanos ao seu antigo ponto de vista...

E depois, em nome de que altos principios, com que ponto de apoio seguro, veem eles atacar uma atitude guerreira e nacionalista?

Outra coisa são as razões dos inimigos da guerra e do militarismo — e das suas causas primárias: o Capitalismo e o Estado,

Lisboa, 20 de Outubro.

NENO VASCO.

(D'A Lanterna)

Auxilio á "A Aurora,"

Recebemos mais as listas que publicamos a seguir:

De Odemira — J. P. da Silva \$20, Jo. S. Campos \$30, José Albino Rosário \$02, Custodio Paulino, \$02, Antonio Joaquim \$02, José Ramou \$02, Eusébio Maria, \$01, Manoel F. Linsimio \$ 4, Manoel Francisco \$ 6, José Ludovino \$06, Martinho da Cruz \$12, Eusébio Maria \$01, Manoel Silva Campos \$04.

Soma	\$82
Transporte	\$02
Soma total	\$105

Folhetim de A AURORA (5)

Episódios da guerra de 1870

O SOLDADO PRUSSIANO

A tarde, bandos de milicianos, vindo de Chartres, em completa desordem, espalharam-se por Bellomer e pelo acampamento. Narravam coisas espantosas.

Os prussianos eram mais de cem mil, um exército inteiro. Eles, dois mil apenas, sem cavaleiros e sem canhões, tiveram de ceder. Chartres ardia, as aldeias dos arredores fumegavam, as herdades estavam destruídas. O grosso do destacamento francês, que guardava a retirada, não podia tardar. Interrogavam-se os fugitivos, perguntava-se-lhes se tinham visto os prussianos e como eram eles, e insistia-se sobre o detalhe dos uniformes.

De quarto em quarto de hora, outros milicianos se apresentavam, em grupos de tres ou quatro, pálidos e exaustos de fadiga. A maior parte não trazia mochilas, munição, nem mesmo espingardas, e contavam historias terríveis. Nenhum estava ferido.

A chegada dos milicianos e a ameaça dos alemães, lançaram entre nós a confusão. Os cavaleiros sucediam-se de minuto a minuto, portadores de envelopes lacrados, de ordens e contra-ordens. Os officiaes corriam, apressurados, sem saberem porque, com a cabeça perdida. Tres vezes nos mandaram levantar o acampamento, e outras tres vezes nos fizeram armar de novo as tendas. Toda a noite as cornetas e os clarins tocaram; grandes fogueiras ardião, e rins voltaram, num rumor sempre crescente, passavam sombras singelamente agitadas, silhuetas difíceis.

Patrulhas percorriam o campo em todos os sentidos, esquadrinhando as azinhalas, vigiando a orla do bosque a artilharia, estabelecida em parque para além do burgo, devia tomar posição nas alturas da frente, mas veio esbarrar contra a barreira. Para dar passagem aos canhões era

Eduquemos sempre

Se alguma coisa nos pede animar nas manifestações da vida social portuguesa, fazendo-nos crer que um progresso se realizará, a despeito de toda a politicagem que para af se tem desencadeado, é a preocupação que se nota em dar um desenvolvimento progressivo á educação da massa em geral. Não se pode duvidar de que essa preocupação existe, tentando cada um realizar o que crê ser o melhor, mas todos dando mostras de que a preocupação tem raizes fundas, pela constancia que os trabalhos denotam. Isto quer dizer, que é arreigada a convicção de que sem se tratar de resolver a questão da educação nos seus múltiplos aspectos, tudo que se tentar ou se fizer, será de nullos ou minguidos resultados. E desde que essa convicção existe, desde que é real e grande o desejo da resolver aquela questão, nada poderá impedir que se trabalhe para esse fim, o que quer dizer, que nada poderá impedir que se realizem os progressos na educação como consequencia fatal daquele trabalho. Sendo o progresso geral derivado do progresso da educação, pode, parece-me, dizer-se afoitamente que o povo em Portugal, está entrando numa fase de acentuado progresso, embora desta afirmação se riam os que só teem olhos para os lados maus das coisas, ou os descrentes que já não podem acreditar que neste paiz se possa andar para a frente.

Que importa que muitos erros se pratiquem, que muitas asneiras se digam, que muitas verdades não sejam escutadas, que haja muita confusão, muita vaidade, muita intriga e até muito calculo, em toda a actividade que se manifesta no campo da instrução e da educação? Tudo isso tem acontecido em todos os tempos, em toda a parte e com todas as questões, e é natural, é fatal que seja assim.

A despeito de toda a parte má da obra, o progresso ha-de realizar-se, porque se ha-de aproveitar pouco a pouco o que nela ha de bom, e ir-se assim desenvolvendo a consciencia colectiva, unica forma de realizar o que todos pretendemos: a máxima autonomia aliada á máxima solidariedade, aliança esta que constitue a única base, em que pode assentar a maior soma possivel de bem-estar geral.

E' do progresso da mentalidade que resulta este bem-estar e só uma educação apropriada o pode dar. E' por isso que se todos se preocupassem com o lado educativo da propaganda que fazem, as coisas realisavam-se em metade do tempo. E' necessario que cada um, dentro da esfera da sua

propaganda, tenha principalmente em consideração, em que pode ella favorecer a autonomia mental daqueles para quem a propaganda se faz. E' o que raras vezes acontece; a maior parte dos homens que propagam uma ideia, o que tem sobretudo em mira, é que a sua ideia seja aceita o mais integralmente possivel, para maior satisfação pessoal. Isso é bom, sem duvida; mas lembremo-nos de que em geral, quanto mais depressa e mais integralmente uma ideia é aceita, menos autonomia mental se manifesta, maior é a inconsciencia.

Não nos importemos tanto com a porção, se assim me posso exprimir, aceita da ideia que pregamos, como com a forma porque ella é aceita. Quer dizer, façamos educação, esforcemo-nos por autonomisar o mais que pudermos o cérebro de quem nos ouve ou nos lê. Façamos isso sempre, quer se trate de primeiras leituras para crianças, quer preguemos nos meios operários a necessidade da emancipação económica, religiosa ou politica. Aproveitemos este despertar d'energia que se nota em Portugal, para a canalizarmos o melhor que pudermos, num sentido favoravel ás ideias de liberdade que defendemos. Ha muita gente que fala d'educação; tratemos de aproveitar a occasião para educarmos bem porque muitos, ainda que de boa fé, ha-de educar mal. E educar bem, é emancipar cérebros, a toda a hora, em toda a parte e com toda a gente.

ERMILIO COSTA.

PROPAGANDO

Ao Artur Castro

Numa destas tardes de outono, em que o sol, num agonisar frouxo e dolente, derramava os seus pálidos raios, caminhava eu pocatamente pela rua Firmesa, lendo a «Aurora», quando os meus ouvidos, subitamente, foram feridos por umas palavras inintelligíveis:

«—E's um imoral, um malvado!»

Despertada tam bruscamente a minha atenção pelas palavras rudes que acabava de ouvir, volvi os olhos para o sitio donde ellas haviam partido, e qual não é o meu espanto ao reparar num amigo da escola, semi-burguês, que desde há muito não via e que, pressuroso, se me dirigiu, e depois de me apertar cordelmente a mão, ao mesmo tempo que me envolvia num olhar rancoroso e prescutor, me perguntou com modos ríspidos e autoritários:

«—Com que fim e interesse lêst tu esse desprezível jornalco? Ter-te-has tornado, porventura, aplo-

gista, dessa seita que tem por divisa praticar crimes execráveis e repugnantes? Acaso pertencerás, tambem, a casa hórda que, de quando em vez, perturba a ordem e a harmonia social com suas loucuras temíveis, sistematicas?»

Contemplei-o estup factos e indeciso e perguntei-lhe (se bem que o entendesse logo) qual o motivo porque me vomitava em rosto tão abjectas e detestaveis palavras.

«Mas imoral e malvado, porque? Por propagar ideias generosas, cheias de abnegação e altruismo, de Amor e Liberdade, de Paz e Harmonia, e nos quais está encerrado o bem estar e a felicidade dos povos, o aniquilamento de sentimentos de raças e fronteiras? Por diffundir entre o povo, ideias filantrópicas, esplendorosas, os quais não eliminam do seio da sociedade produtora os insaciáveis parasitas, que se locupletam espantosamente, ininterruptamente, á custa do suor imenso e fecundo, dos que trabalham e que lhes sugam o sangue sem direito algum? Serei, porventura, criminoso e imoral, por educar o povo, fazendo-lhe conhecer racionalmente o grande mal estar em que os seus exploradores o teem ido mergulhado através dos seculos, e qual a maneira de, revoltadamente, se desembaraçar de elles, emancipando-se assim do jugo despótico e opressor que o espreme a todo o instante, e que é constituído pela trindade—Capital, Estado e Religião?»

«Argumentou-me com os olhos crispados de vingança e asco, que as doutrinas espalhadas por tais «jornalcos», são doutrinas anti-humanitárias, anti-progressivas, que só concorrem para estabelecer a desordem entre os povos, para a sua completa desmoralização e para perturbar, inutilmente, a organização deste sistema social inegalavel; falsas teorias, que, se se chegassem a pôr em pratica, fariam a humanidade retroceder á barbarie e selvageria primitivas, o que felizmente não acontece pois que estas ideias são uma utopia...»

«Escuta, lhe disse eu: O que será mais anti-humanitário e selvagem, do que esta sociedade de pôbre, preche de preconceitos e torpezas, de fraude e parasitismo, e onde todos se acometem furiosos e insanamente, para fazer prevalecer a sua grandeza, os seus interesses egoisticos e o seu bem estar?»

O que será mais barbaro e anti-humanitario, do que se ver a cada instante dezenas e dezenas de esfaimados disputando uma inaceitavel esmola, enquanto que outros, os grandes, os senhores da terra, se estão banquetecendo lauta e sofregamente, sem lhes passar pela mente os vislumbres lancinantes da fome, as angustias dos que sofrem os revezes da vida, os resados e negros horrores da miseria?»

O que será mais barbaro, mais selvagem, mais anti-humanitario, do

que as guerras—infame sordidez—de caprichos, de ganancia e de vaidades governamentais, e cujos effectos hediondos, repugnantes, avdiar podes pela conflagração actual, em cujos campos de batalha milhares de vidas preciosas succumbem entre espessas nuvens de fogo, e onde caudalosos rios de sangue sepultam essas mesmas vidas cuja existencia lhes estava a principiar a sorrir nos alvares da vida.

E tudo isto para quê? Para empilhar de ouro infame, de ouro vil, os altos cofres dos financeiros, desses miseráveis que provocam esse holocausto devastador e infame, que se chama a guerra.

Não será, porventura, preferível uma sociedade baseada na verdadeira Igualdade, onde se prescindia das leis estatais, as quais serão substituidas pelo livre accordo, pela livre vontade? Uma sociedade, onde todos, comumente, compartilhem livremente das riquezas terrestres e dos instrumentos de produção, e onde se não conheçam os preconceitos torpes e monstruosos dest', que só degradam e amesquinham o nosso pensar? Uma sociedade, onde não haja fartos nem famintos, senhores e espinhados, dominantes e dominados, e onde o trabalho seja o manancial inexaurível de riqueza, de prosperidade e progresso e não como hodiernamente, uma escravidão revoltante e vilipendiosa, que nos ultraja?»

Não será preferível, uma sociedade onde não exista a injustiça, a dominação, o monopolio, mas sim a liberdade completa de produzir e consumir conforme aptidões e forças, e onde sejam conhecidos os nobres e elevados sentimentos de solidariedade, que, já agora, tendem a unir a humanidade sofredora, a humanidade escravizada, numa sublime harmonia universal que acabará com a usura e o dolo? Uma sociedade, que fará com que tanto direito á vida tenha o fraco como o forte, o invalido como o produtor, o são como o doente, e que tenha por fórmula equitativa: de cada um segundo as suas forças, a cada um segundo as suas necessidades?...»

«Concordo... Mas a imprensa diária, noticia minuciosamente, e os que são fanatisados por essas ideias, espalham o terror e o sobresalto entre os povos...»

«Não digas isso. A imprensa burguesa, cujo fim é o de lustrar os proprios burgueses e de acatar com louvores as leis mais desprezíveis e iniqvas do Estado, é que apregoa isso, para que esse belo e aurifulgente ideal que se chama—Anarquia—, não conquiste prosélitos devido aos crimes horripilantes que elles descrevem.

Mas, como deves convir, quanto mais elles falarem sobre tal assunto, mais propaganda elles mesmos fazem, porque começam a interessar o povo no estudo anárquico e deste

cecu escurecia com tons avermelhados; depois, a luz exinguu-se num silencio de morte. E a noite caiu, sem estrelas e sem luar, sobre os campos enquanto uma bruma gelada se erguia na sombra.

Desde que partíramos, alquebrado pela fadiga, sempre occupado em qualquer coisa, sem nunca estar só, não tivera tempo de reflectir. Diante dos estranhos e cruéis espectáculos que tinha sempre debaixo dos olhos, eu sentia despertar em mim a noção da vida humana até então adormecida no entorpecimento da minha infancia e da minha mocidade. Recordava tudo isso confusamente, como que saindo dum longo e doloroso pesadelo. E a realidade apparecia-me ainda mais espantosa do que o sonho.

Que era então essa pátria, em nome da qual se cometiam tantas loucuras e tantas perveridades, que nos arrancava, cheios de amor, á natureza, e que nos atirava, cheios de odio, esfaimados e nus, sobre uma terra madrasta?

Que era então essa pátria, que para nós se consubstanciava naquella general imbecil e saltador que se encarnicava contra homens velhos e velhas árvores, e naquelle cirurgião que dava pontapés nos doentes e encontrava nas pobres mães velhas e enlutadas pela morte dos filhos?

Que era então essa pátria onde cada passo sobre o solo abria uma cova? Essa pátria, que apenas olhava a água tranquilla dos rios, a tran-mudava em sangue, e que ia sempre avçando, de espaço a espaço, covas mais fundas para all apodrecerem os melhores dos seus filhos?

E experimentei um sentimento de torpor doloroso, pensando pela primeira vez em que só eram gloriosos e aclamados os que mais tinham saqueado, os que mais tinham massacrado, os que mais tinham invadido.

Com que remorsos me arrependi de ter passado, cego e surdo, neata vida cheia de inexplicáveis enigmas. Nunca abria um livro, nunca me detivera, um só momento, diante dos pontos de interrogação das coisas e dos seres:—não sabia nada.

E eis que de repente, a curiosidade de saber, me atormentava:—queria conhecer a razão das religiões que bestializam, dos go-

vernos que oprime, das sociedades que matam... Notei então que é preciso termos sido desgraçados para bem sentirmos as desgraças dos outros...

Levantei-me a custo e contornei o bosque. Os meus proprios passos, sobre o solo, causavam-me terror; parecia-me, que alguma marchava sempre, atraz de mim. Avancava com prudencia, em bicos de pés, como se tivesse medo de acordar a terra adormecida, e escutava, e prescrutava a obscuridade, porque não tinha ainda, apesar de tudo, perdido a esperanza de que me viessem render.

Nenhum ruído, nenhum sópro, nenhum clarão, nenhuma forma precisa, naquella noite sem olhos e sem voz. No entanto, por duas vezes, ouvi distintamente um ruído de passos, o meu coração batia apressadamente... Mas o ruído afastou-se, diminuiu pouco a pouco, cessou, e o silencio tornou-se mais pesado mal temível, mais desesperador... Um ramo roçou-me pela cara; recuei apavorado. Mais para alem, uma altura de terreno fez-me o effeito dum homem que, arqueando o dorso, tastejasse para mim. Carreguei a espingarda... A vista duma charrea abandonada, cujos braços se erguiam para o ceu, como os cornos ameaçadores dum monstro, faitou-me o ar, e estive prestes a cair de costas.

Tinha medo da sombra, do silencio, do menor objecto que ultrapassava a linha do horizonte e que a minha imaginação exaltada animava dum movimento de vida sinfonia... Apesar do frio, o suor corria-me em grossas gotas sobre a pele...

Assaltou-me a ideia de abandonar o posto, de voltar ao acampamento, persuadindo-me, por engenhosos raciocínios de que os camaradas me tinham esquecido e que ficariam muito contentes em encontrar-me. Mas se me enganava, que desculpa dar? Como seria recebido?... Ir á herdade onde a minha companhia se alojara de manhã e pedir á informaçoes? Pensei nisso... Mas, na minha perturbação, desorientei-me e perdi-me-la, infelizmente, naquella planicie imensa e escura... Então, um pensamento abominavel atravessou-me o espirito... Porque não daria um tiro num braço e fugiria ensanguentado e ferido, indo con-

tar que fora assaltado pelos prussianos?

Fiz um violento esforço sobre mim próprio para não perder a razão. Reuni tudo o que havia em mim de força moral afim de me subtrair a esta brutal sugestão, a esta embriaguez maldita do medo e estorcei-me por encontrar recordações da outra... Um vago terror as cruz depressa em debandada... No ar, as avizavam-se grandas, figurando rostos conhecidos que faziam esgares; um destes projecteis abriu, subitamente, grandes azis, cor de chama, torneou em volta de mim, envolveu-me.

Soltei um grito... Ah! vou enlouquecer, Apalpei a garganta, o peito, os rins, as pernas. Devia ter a cor dum cadaver; sentia agora um frio que subia do coração ao cerebro, igual a uma erva-mãe.

Enguli dum trago o resto da aguardente do meu cantil, e puz-me a caminhar muito depressa, esmagando os torrões debaixo dos pés, com raiva, trauteando uma canção de caserna, que nós entoávamos em cântico para enganar o comprimento das marchas.

Mais calma, voltei para junto do meu carvalho e batia-lhe com os pés, pancadas precipitadas. Tinha necessidade daquela ruído, daquele movimento. E pensei em meu pai, só, na herdade de Prieuré.

Havia tres semanas que não recebia carta dele... Como a última era triste e lacrimante! Ele não se queixava, mas transpirava nela um desalento profundo, um tédio de estar naquella grande casa vazia, e um terror de me saber errante, mochila ás costas, através dos azares das batalhas... Po-bre pai!

E á medida que os traços de meu pai me acudiam á memoria, nos seus menores detalhes, o rosto de minha mãe nublava-se, apagava-se, e eu não podia mais recordar esses contornos queridos. Naquelle instante, todas as ternuras que eu dera á minha mãe, dedicava-as a elle...

Mas porque não me escreveria meu pai? Não receberia as minhas cartas?... Arrependi-me de ter sido até ali tam desprezido, e prometi a mim proprio escrever-lha no dia seguinte, logo que pudesse, uma longa e affectuosa carta, na qual deixaria transparecer todo o meu coração...

Continua